



REDE NHANDEREKO

UMA GRANDE PARTILHA



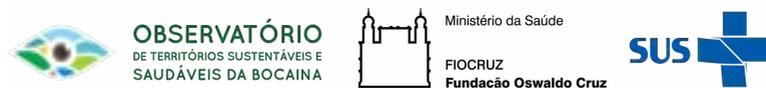


REALIZAÇÃO



A realização do Projeto Apoio às UCs é uma medida compensatória estabelecida pelo Termo de Ajustamento de Conduta de responsabilidade da empresa PRIO, conduzido pelo Ministério Público Federal – MPF/RJ.

APOIO





Rede Nhandereko de Turismo de Base Comunitária Coordenação Ampliada

Daniele Elias Santos – Quilombo Campinho da Independência (Paraty)
Vagno Martins – São Gonçalo (Paraty)
Laura Braga – Quilombo da Fazenda (Ubatuba)
Patrícia da Silva Santos - Picinguaba (Ubatuba)
Verá Mirim – TI Boa Vista (Ubatuba)

Fórum de Comunidades Tradicionais – FCT Coordenação Colegiada

Vagner Nascimento – Quilombo Campinho da Independência (Paraty)
Marcela Albino Cananéa – Praia do Sono (Paraty)
Julio Garcia Karaí – TI Sapukaí (Angra dos Reis)
Fabiana Ramos – Quilombo Santa Rita do Bracuí (Angra dos Reis)
Ivanildes Kerexu - Aldeia Rio Bonito (Ubatuba)
Luís Claudio Santiago - Perequê (Ubatuba)

Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio

Mauro Oliveira Pires - Presidente
Anderson de Oliveira Nascimento - Núcleo de Gestão Integrada ICMBio Paraty
Carlos Felipe de Andrade Abirached – Coordenação Área Temática de Gestão Socioambiental e Populações Tradicionais

Fundo Brasileiro para a Biodiversidade – Funbio

Rosa Maria Lemos de Sá - Secretária Geral
Manuela Mossé Muanis - Gerente de Portfólios
Ana Helena Varella Bevilacqua – Gerente TAC FRADE

Equipe Técnica

Augusto Marcos Santiago
Erika Braz Moço

Sistematização da Experiência e Elaboração do Texto

Anna Cecília Cortines
Cácia Cortez

Co-Autores do Texto

Ana Claudia Martins - Quilombo Campinho da Independência (Paraty)
Augusto Marcos Santiago – Equipe técnica
Carlos Felipe de Andrade Abirached - NGI Paraty/ICMBio

Daniele Elias Santos - Quilombo Campinho da Independência (Paraty)
Erika Braz Moço - Equipe técnica
Ivanildes Kerexu - Aldeia Rio Bonito (Ubatuba)
Marilda da Silva Francisco - Quilombo Santa Rita do Bracuí (Angra dos Reis)
Pamela Daniele Albrecht – Trindade (Paraty)
Vagno Martins - São Gonçalo (Paraty)

Arte e Diagramação

Cácia Cortez

Imagens

Eduardo Di Napoli

Esta publicação é resultante do esforço coletivo de integrantes e assessores da Rede Nhandereko de TBC e da Coordenação da Área Temática de Gestão Socioambiental e Populações Tradicionais do NGI Paraty/ICMBio que compartilharam documentos, vozes e reflexões neste processo de sistematização da experiência vivenciada na Rede, seus aprendizados e desafios.

Todo o trabalho contou com apoio financeiro do Programa Conservação e Uso Sustentável da Biodiversidade das Unidades de Conservação Federais Costeiras e Estuarinas dos Estados do Rio de Janeiro e São Paulo, gerenciado pelo Funbio e recursos oriundos do Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) firmado pela Chevron Brasil (atual PetroRio Jaguar Petróleo) com o Ministério Público Federal.

Paraty (RJ), maio de 2023.

CONTATOS

Rede Nhandereko de TBC
redenhandereko@gmail.com
<https://www.instagram.com/redenhandereko/>

Área de Proteção Ambiental de Cairucu
apa.cairucu@icmbio.gov.br
<https://www.icmbio.gov.br/cairucu/>



ÍNDICE



- 06 Introdução
- 10 Rede Nhandereko, uma grande partilha
- 12 A Partilha de Saberes na Rede Nhandereko
- 14 Só aquele que partilha se percebe parte do todo
- 16 O desenvolvimento da Partilha de Saberes na Rede
- 18 Os vários planos da Partilha de Saberes
- 21 Partilhar a construção do roteiro de visitação
- 28 Rede Nhandereko, tecida por muitas mãos
- 32 Carta de Princípios – o mapa do caminho
- 36 Nosso público
- 38 Parcerias – muitas faces da mesma luta
- 42 O TBC e as áreas Protegidas - elos fortalecidos
- 47 Plano de Visitação em Terras Indígenas
- 50 A cada passo alargando o caminho – aprendizados e desafios





“O jovem sem os mais velhos não adianta. Porque
árvore sem raiz não fica em pé.”

Patrick da Silva

“E raiz sem árvore também não vai pra frente.”

Marilda da Silva Francisco

Quilombo Santa Rita do Bracuí (Angra dos Reis)



INTRODUÇÃO

“O TBC é uma possibilidade de resistência no território, faz com que a comunidade possa se olhar.”

Vagno Martins (Vaguinho)
Caiçara de São Gonçalo (Paraty)



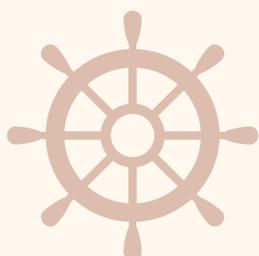
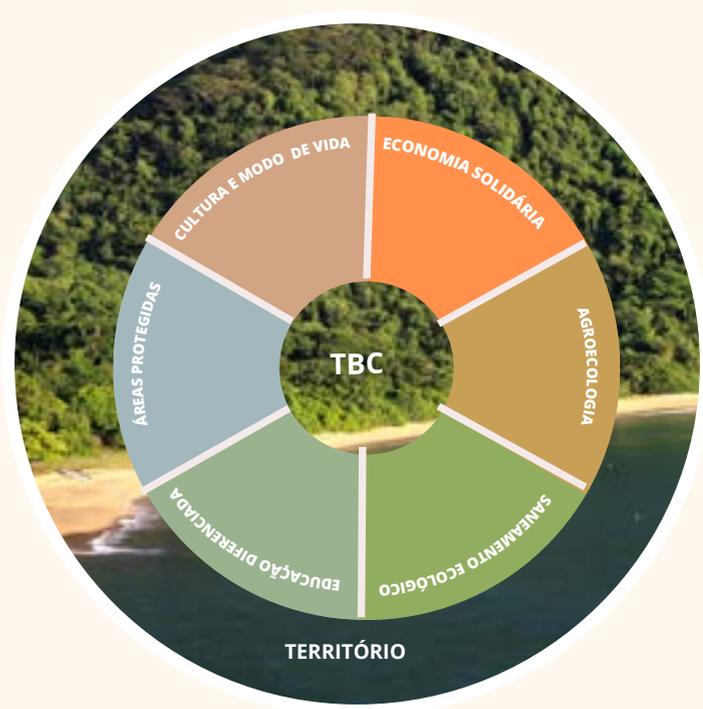
“Nhandereko é uma palavra guarani que significa “modo tradicional de ser e viver”, que fala da nossa cultura, da realidade do nosso povo local, esse é o sentido. Ao mesmo tempo, o Nhandereko do indígena, do caiçara e do quilombola, com os tambores, o jongo, a cultura, as ervas, o fandango, a produção de farinha, portanto, assim fortalecemos o Nhandereko de cada etnia e comunidade.”

Julio Karai - TI Sapukai (Angra dos Reis)

O Turismo de Base Comunitária praticado nas nossas comunidades é o resultado de um longo caminho de experiências nas ações de defesa e fortalecimento da identidade cultural, articulação entre os coletivos e as comunidades, na perspectiva da garantia dos territórios como condição de vida digna. Na valorização dos nossos modos de vida e saberes tradicionais, proteção do meio ambiente, a geração de trabalho e renda, o envolvimento dos jovens e mulheres, a valorização e o respeito entre gerações, a visibilidade e o protagonismo comunitário.

O produto desse esforço é a criação da Rede Nhandereko que congrega indivíduos, famílias e coletivos organizados nas nossas comunidades ligadas ao Fórum de Comunidades Tradicionais (FCT).

O FCT agrega nossas comunidades caiçaras, indígenas e quilombolas de Angra dos Reis, Paraty (RJ) e Ubatuba (SP) desde 2007, juntas fortalecemos nossa luta pela permanência no nosso território tradicional. O turismo de base comunitária é uma das prioridades do FCT, que atua a partir da nossa cultura, agroecologia, pesca artesanal, educação diferenciada, saneamento ecológico, economia solidária e das áreas protegidas.



Cada comunidade incluída no FCT e na Rede tem suas especificidades, seus modos de vida e diversidade própria de produção e ações de TBC – e é o respeito a essa diversidade e aos tempos próprios de cada grupo que torna a Rede um mosaico de roteiros de TBC, gestados e geridos por nós comunitários – os protagonistas.

Por isso a Rede é um tecido vivo em constante aprimoramento e reafirmação. Caminha na companhia de parceiros, que vem somando e apoiando nosso trabalho. Um deles tem sido a Área de Proteção Ambiental de Cairuçu (APA Cairuçu), unidade de conservação federal que se sobrepõe a um grande número de territórios tradicionais caiçaras, indígenas e quilombolas em Paraty. Junto com outras unidades de conservação federais, estaduais e municipais e territórios tradicionais compõe um mosaico de áreas protegidas em nossa região.

A cooperação com a APA Cairuçu tem sido um caminho de mão dupla, qualificando nossas experiências comunitárias para ampliar e afirmar cada vez mais nosso protagonismo e nossa contribuição na conservação da sociobiodiversidade e, ao mesmo tempo, trazendo novas perspectivas para reduzir os conflitos que vivenciamos com as unidades de conservação.

Neste trabalho apresentamos o resultado do processo de sistematização da experiência e dos aprendizados da Rede Nhandereko, realizado a partir da reflexão sobre a prática dos envolvidos diretamente em sua caminhada.

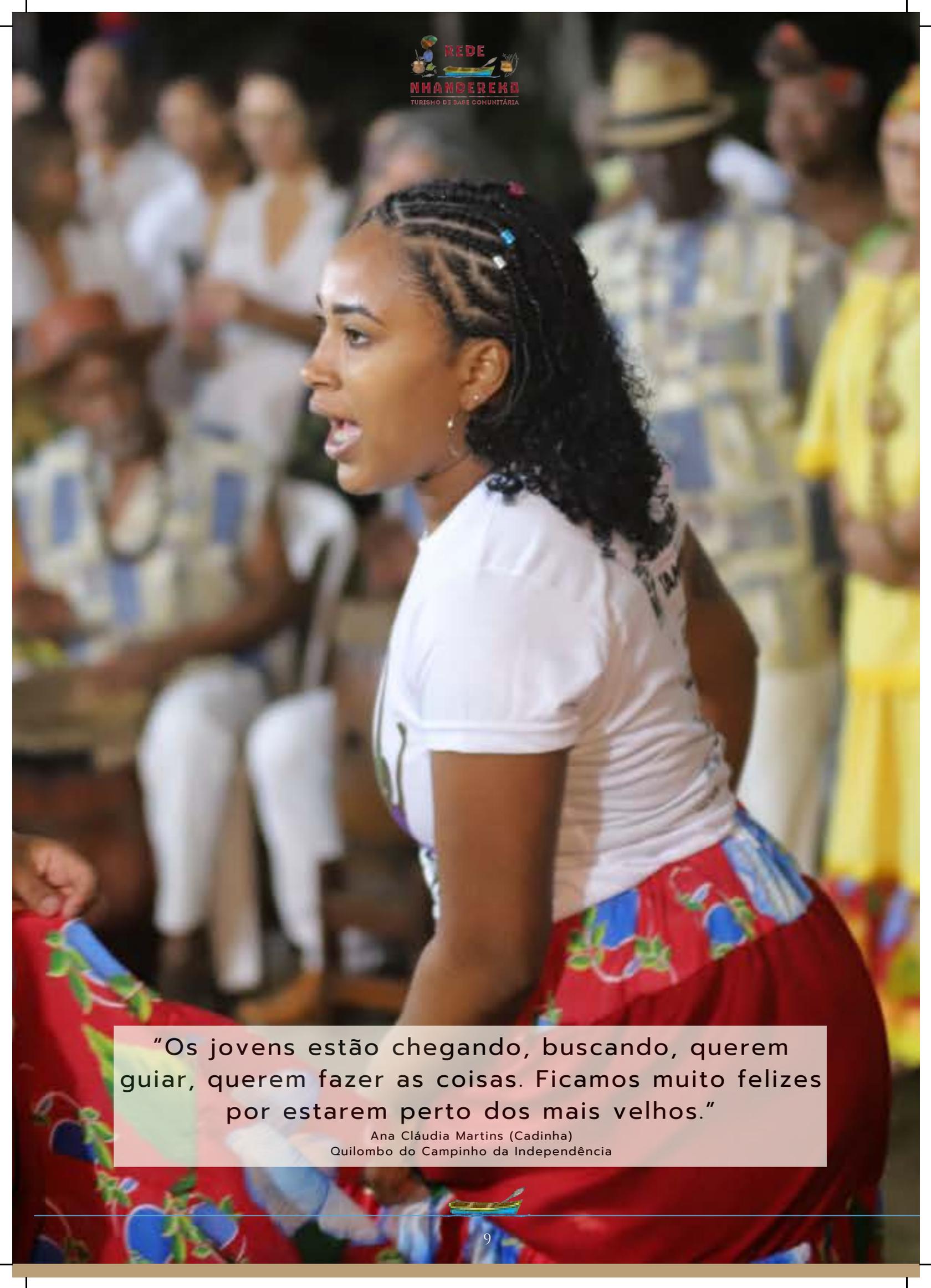
Organizamos e elaboramos os textos a partir de documentos e entrevistas com os sujeitos da sistematização – os coautores. Assim trazemos a interpretação crítica desta rica experiência, ordenando e reconstruindo os fatos marcantes no processo vivido, suas interrelações, aprendizados e desafios.

Da diversidade de experiências das comunidades recolhemos o modo de fazer da Rede Nhandereko, para definir e desenvolver os roteiros e serviços a serem ofertados ao TBC, num processo continuado de formação dos comunitários: a prática da Partilha de Saberes – troca de experiências entre comunidades que se encontram para vivenciar um roteiro de TBC em um território.

Descrever como funciona a partilha na definição, organização e gestão do TBC como instrumento de aprendizado, organização e luta da Rede Nhandereko é o objetivo deste trabalho. Assim como contar um pouco das conquistas e desafios no TBC pelo diálogo da Rede e do FCT com as unidades de conservação.

Queremos instigar a curiosidade dos leitores para conhecer de perto nossa experiência, vivenciar a riqueza, diversidade e essência de nossas comunidades, de modo a transformar olhares e percepções sobre nosso viver.





“Os jovens estão chegando, buscando, querem guiar, querem fazer as coisas. Ficamos muito felizes por estarem perto dos mais velhos.”

Ana Cláudia Martins (Cadinha)
Quilombo do Campinho da Independência

REDE NHANDEREKO

uma grande partilha



“Turismo de base comunitária é viver a vida como ela é.”

Angélica Pinheiro Souza, Presente!!! - Quilombo Santa Rita do Bracuí (Angra dos Reis)

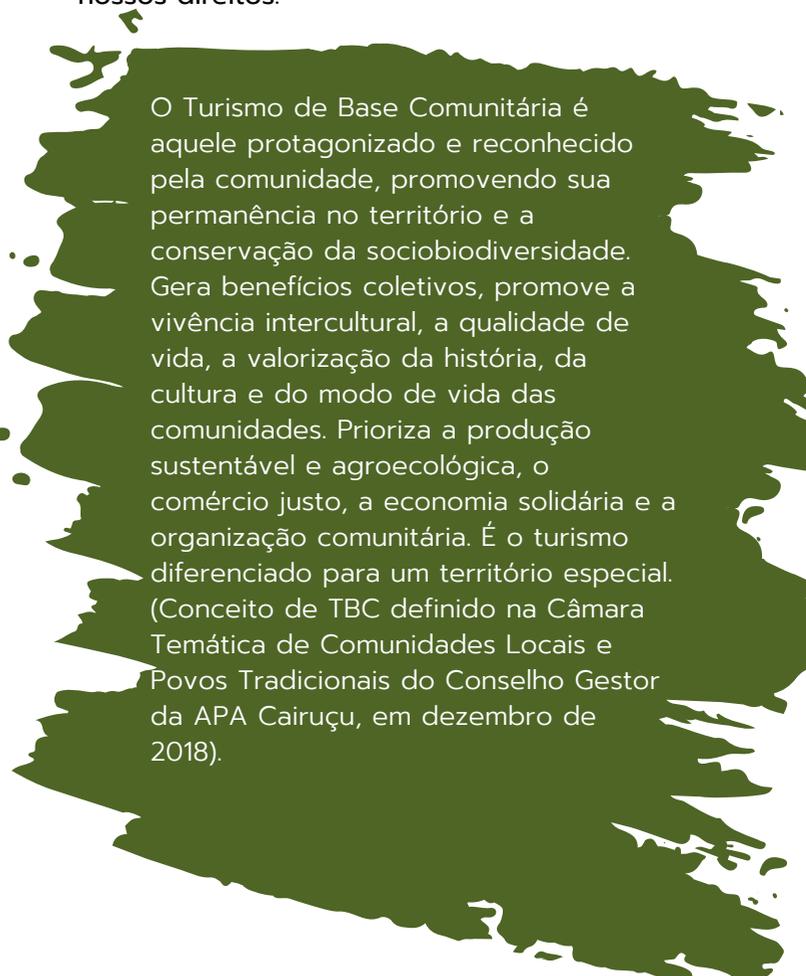
Somos povos e comunidades tradicionais. Vivemos em territórios onde formamos nossos modos de viver respeitando a natureza desde nossos antepassados. Nossas comunidades construíram e acumularam por gerações uma tecnologia própria de sobrevivência, de desenvolvimento local e de resistência. Essas tecnologias fortalecem nossas características sociais e culturais – famílias, grupos de vizinhança, organização interna, produção de alimentos, conhecimento sobre o uso dos recursos naturais.

Decidimos que esse legado, que é o nosso bem maior e que mantém nossas comunidades e a natureza de nossos territórios, deve ser compartilhado de forma solidária, autônoma e protagonista por meio de uma Rede de Turismo de Base Comunitária – a Rede Nhandereko de TBC, que vem sendo tecida nos últimos anos.

Nos reunimos em rede para desenvolver nossa prática de turismo como forma de articulação, gestão e fortalecimento das nossas comunidades caiçaras, indígenas e quilombolas, com o objetivo de continuar resistindo e fortalecendo a luta pela defesa e permanência em nossos territórios. Para isso buscamos potencializar, qualificar, divulgar e comercializar produtos e serviços turísticos que valorizam nossas manifestações e produções culturais associadas ao conhecimento da sociobiodiversidade.

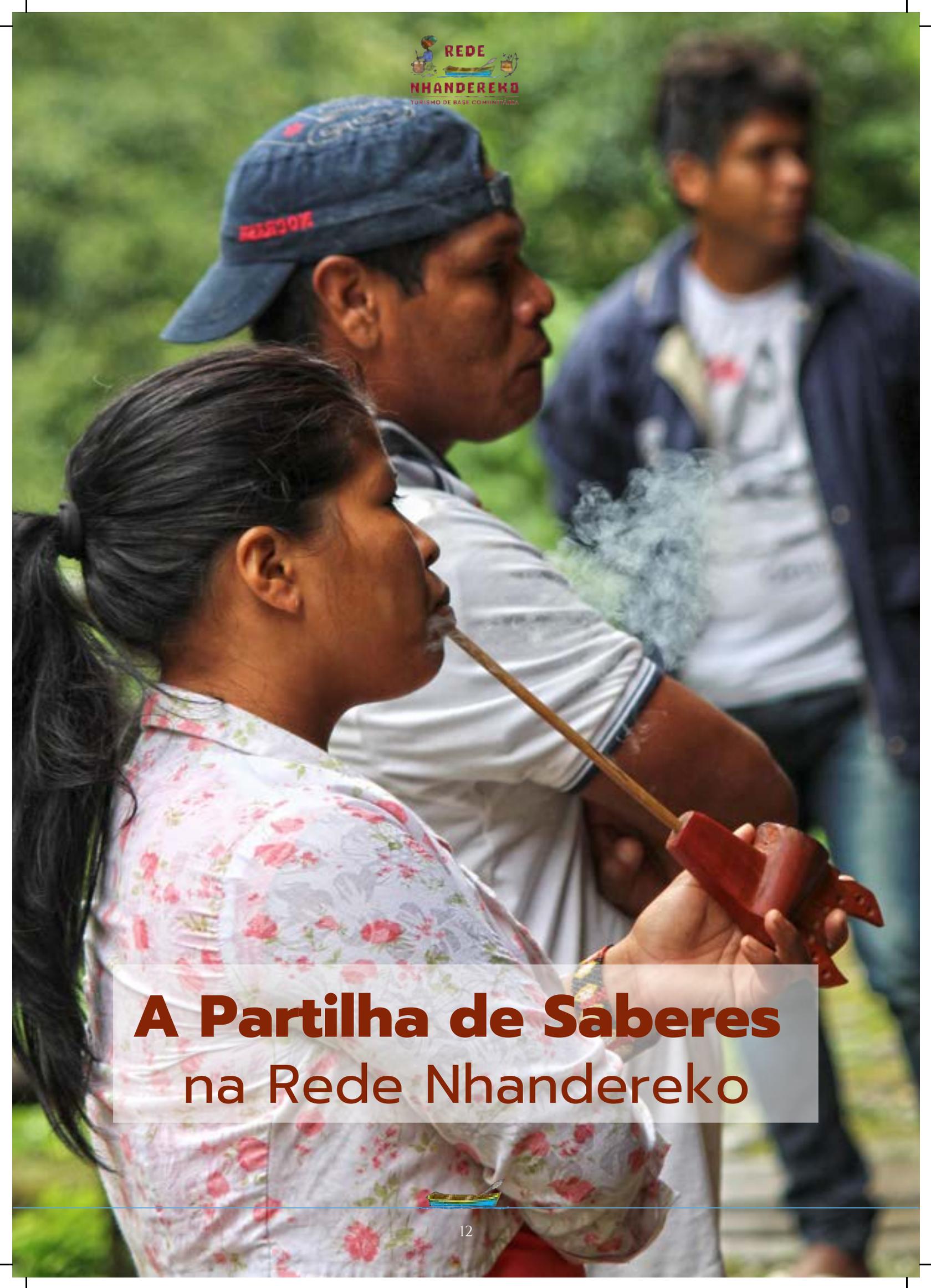
Isso implica em promover a formação de lideranças e empreendimentos, a autonomia, a autogestão, o protagonismo comunitário, o intercâmbio entre gerações sobre os saberes e fazeres tradicionais. Um caminho para potencializar a economia solidária e o desenvolvimento das comunidades integrando os diferentes elos que compõem o TBC.

Nossas comunidades estão ligadas ao Fórum de Comunidades Tradicionais de Angra dos Reis, Paraty e Ubatuba - FCT. O Fórum é um coletivo maior que nos articula politicamente e organiza nossas práticas de luta e de organização por nossos direitos.



O Turismo de Base Comunitária é aquele protagonizado e reconhecido pela comunidade, promovendo sua permanência no território e a conservação da sociobiodiversidade. Gera benefícios coletivos, promove a vivência intercultural, a qualidade de vida, a valorização da história, da cultura e do modo de vida das comunidades. Prioriza a produção sustentável e agroecológica, o comércio justo, a economia solidária e a organização comunitária. É o turismo diferenciado para um território especial. (Conceito de TBC definido na Câmara Temática de Comunidades Locais e Povos Tradicionais do Conselho Gestor da APA Cairuçu, em dezembro de 2018).





A Partilha de Saberes na Rede Nhandereko



Quando acolhemos visitantes em nossas comunidades, estamos ofertando a eles muito mais do que passeios, comida boa e conforto nos períodos em que se hospedam em nossas acomodações, praias ou trilhas.

Muito mais do que conhecer a beleza das paisagens, o sabor das nossas comidas produzidas nas cozinhas alimentadas pela produção tradicional de pescado e roçados, a qualidade dos artesanatos e da nossa arte, estamos possibilitando aos que nos visitam conhecer e conviver com nossas práticas tradicionais de produção, organização, modos de vida, cultura e resistência.

Isso significa que ofertamos aos nossos turistas, uma experiência de convivência comunitária que preserva nossos valores e práticas cotidianas em equilíbrio com a natureza desde que nossos povos aqui se fixaram.

Ao mesmo tempo, nos dispomos ao diálogo e troca com quem pisa em nossa terra e caminha conosco - nos caminhos desenhados pela presença das famílias assentadas nos nossos valores e saberes. Pois sem esses valores, saberes, sabores, luta e resistência não haveriam comunidades tradicionais, tão pouco a natureza preservada.

Com o surgimento do TBC e da Rede Nhandereko fomos percebendo que nossos produtos não eram só a colheita dos roçados, a pesca, o artesanato, os produtos do extrativismo. Fomos compreendendo que a nossa história, nossas artes e saberes são outro tipo de produto, que não se pesa, não se mede, nem se armazena..

É uma riqueza gerada a partir de nossas próprias tradições, tecnologias produtivas e formas de interação e organização interna e externa. Riqueza que vem sendo gerada numa partilha de trabalho e vida entre todos – de forma que cada um, à sua medida, é um elo dessa construção, com sua história individual e comunitária, que só é medida como o resultado do todo.

“Quero muito que essa construção coletiva possa organizar melhor nossos produtos de artesanato, nossas palestras, história, cosmologia, gastronomia indígena e visitação. Dentro dessa construção, queremos que nossas aldeias sejam espaços de intercâmbio para recebê-los e trabalhar essas questões.”

Marcos Tupã – TI Boa Vista (Ubatuba)



SÓ AQUELE QUE PARTILHA SE PERCEBE
parte do todo

“Queremos que as pessoas tenham tempo de olhar no olho, conversar, a nossa busca na face da terra aqui é ser feliz. Estamos trabalhando muito para isso, para que os nossos meninos sejam protagonistas desse processo.”

Sinei Barreiros Martins, Presente!!! – Quilombo do Campinho da Independência (Paraty)

Partilha é quando um grupo de trabalho na comunidade – vizinhos, mulheres, associação – se junta para suprir uma necessidade, seja de alguém, um grupo ou coletivo da comunidade, para solucionar um problema ou mesmo planejar uma ação.

Partilha é um modo de vida – em comunhão entre iguais, proteção e ajuda, pois numa partilha percebemos que não estamos só, que muitos outros fazem parte da nossa existência, seja ela no próprio território, nas trocas e nos cuidados que temos uns pelos outros, ou na organização.

É quando percebemos que se vivemos e partilhamos o mesmo problema, podemos juntos fazer parte da sua solução. Porque, embora o problema seja de um grupo ou de todos, cada um tem um jeito próprio de entendê-lo.

É assim, cada um com seu olhar, que os desafios são superados.

O jeito de organizar e realizar as partilhas na Rede Nhandereko pode mudar de uma atividade para outra, dependendo da prática do grupo comunitário envolvido e da natureza da questão a ser trabalhada. Mas o importante é que seus princípios se mantêm – o protagonismo e a autonomia do grupo/comunidade, a cooperação, solidariedade e o respeito. Independente da capacidade material, o que conta é a presença de cada pessoa como parte do trabalho, contribuindo com sua fala, seu exemplo, suas práticas e experiências

E mesmo quando alguém diz não ter nada para partilhar, está partilhando a sua presença, seu testemunho, sendo receptivo e solidário.



O desenvolvimento da **Partilha de Saberes na Rede**



“Na baixa temporada eu acho que a gente deveria investir no turismo interno para ajudar os comunitários quando o turismo de alta temporada acaba. A gente vai conhecendo mais as comunidades. Tem caíçara que nunca foi na aldeia, nós nunca fomos numa ilha, num lugar tão bonito. Por que a gente tem que se privar?”

Marilda da Silva Francisco - Quilombo Santa Rita do Bracuí (Angra dos Reis)

Quando iniciamos a adesão ao Turismo de Base Comunitária, os encontros realizados entre as comunidades da Rede Nhandereko passaram a ser em forma de Partilha de Saberes. Esta se transformou em uma ferramenta pedagógica, um contínuo processo de aprendizado, organização e protagonismo comunitário através do diálogo e vivências em torno da nossa diversidade sociocultural e territorial, na perspectiva de estruturar o TBC.

As partilhas passaram a ser uma tecnologia nos processos de diagnóstico, identificação de roteiros e qualificação dos serviços, que fomos aos poucos melhorando. E nada melhor que usar nossa ferramenta de autonomia e protagonismo para que, nesse caminho, o TBC seja incorporado como um produto das comunidades – que está em movimento e se modifica de acordo com o momento de cada grupo.

Por isso, como uma prática de gestão comunitária, o TBC é uma grande partilha. Os serviços oferecidos são gerados de forma partilhada, entre todos envolvidos no processo, seja na orientação de uma trilha, na preparação de um cardápio, no testemunho/memória apresentado por um griô, no trajeto de um passeio de barco etc. transformando a diversidade de oferta de atrativos, recepção e vivência dos visitantes em uma plataforma de turismo comunitário.

Primeiro partilhamos entre nós mesmos, depois entre nossas organizações. Para depois partilhar com outras comunidades. E assim foi nascendo uma rede... Por isso era preciso não só estudar como essas diversas formas de convivência e de produção poderiam ser um ambiente para a prática de um turismo não predatório e nem explorador, mas dimensionar como essas práticas de TBC se transformam em uma estratégia de gestão e fortalecimento dos nossos territórios.



Os vários planos da Partilha de Saberes

“No TBC é a gente que pensa, nós que falamos e mostramos o que queremos, isso é o que eu aprendi no turismo de base comunitária.”

Lucas Xunu - TI Sapukaí (Angra dos Reis)



O diagnóstico de atividades potenciais e o planejamento dos roteiros

Realizamos uma visita prévia à comunidade que receberá a partilha para identificar, junto com os comunitários locais, os atrativos culturais e naturais e os serviços que o território possui ou tem potencial para compor roteiros de TBC. Juntos organizamos então a proposta do roteiro de atividades de acordo com as tarefas exigidas e as pessoas necessárias para acompanhar todo o processo - na recepção, na produção dos cardápios da culinária tradicional, nas rodas de conversa, na orientação em uma trilha, na hospedagem, etc.

É um momento importante de interação e planejamento – assim se aprende com quem já tem experiência com TBC, participa da Rede e pode ajudar a comunidade a definir o seu próprio processo.

Feita a conversa e definidas as atividades que serão vivenciadas na partilha com as outras comunidades – planejamos todos os passos, a divisão de tarefas e de responsabilidades e todo o caminho do roteiro a ser vivenciado.

Entre as comunidades e a Rede – A vivência dos roteiros no exercício do TBC

É nesse momento que vivenciamos juntos a partilha do roteiro - a comunidade que recebe e os visitantes da Rede.

A comunidade anfitriã que organiza a partilha apresenta sua proposta de TBC em forma de roteiros e serviços que pretende oferecer, para que possa ser analisado, avaliado e receba sugestões e orientação de como melhorar.

O roteiro proposto é vivenciado desde a recepção e acolhimento, o percurso da visita, a hospedagem e alimentação. A comunidade recebe os parceiros como se fossem turistas.

Vivenciar os roteiros, entre nós mesmos - o que temos a ofertar, como fazer e com quem, é um processo de aprendizagem profundo e importante, pois estamos apresentando nossas habilidades para receber, interagir e propiciar uma experiência de turismo em nossos territórios. Testando e experimentando os serviços que vamos oferecer sob o olhar de nossos pares.

Como é uma prática vivenciada por quem recebe e por quem é acolhido, o aprendizado é mútuo. Contribui para a formação e o aperfeiçoamento do conjunto da Rede – seja na parte cultural, nas falas, na apresentação dos atrativos naturais, nos arranjos técnicos, como na organização da estrutura para o TBC naquele local.

Avaliação - O momento da certificação do potencial de TBC

A avaliação da vivência da partilha não tem o objetivo de “medição e aprovação do serviço”, é o momento da compreensão do caminho aprendido na experiência. Ou seja, é o momento de reconhecer o que se aprendeu com a partilha – o que recebemos e o que ofertamos – e como isso nos ensinou a identificar desafios para superá-los e de que forma nossas habilidades práticas, culturais e intelectuais foram melhoradas.

É quando também identificamos ações e temas que deverão ser qualificados para a prática do TBC.



Qualificação temática

Para completar, debatemos temas considerados relevantes e selecionados pelo grupo para a partilha. Destaque para os momentos formativos sobre a gestão administrativa-financeira, como a formação de preços justos e a repartição dos benefícios na comunidade.

É uma troca de saberes que parte das comunidades mais experientes e de assessores convidados que trazem aporte para o grupo avançar na qualificação dos roteiros e sua gestão.

Os passos da Partilha de Saberes

- 1. Identificar os atrativos naturais e culturais e serviços existentes e potenciais.*
- 2. Construir a proposta do roteiro experimental e planejar a partilha.*
- 3. Vivenciar o roteiro pelos comunitários locais e de outras localidades.*
- 4. Avaliar o roteiro.*
- 5. Qualificar os roteiros ampliando conhecimentos por áreas temáticas.*





Partilhar

A CONSTRUÇÃO DO ROTEIRO DE VISITAÇÃO

Definir e organizar um roteiro de atividades de visitação para turistas conhecerem nossas comunidades é como nos preparar para receber uma visita especial. Queremos que o visitante tenha conforto e seja bem atendido, que conheça nossa realidade e a beleza do local onde moramos.

Nossas comunidades são como o quintal de nossa casa, por onde os visitantes chegam para conviver com a gente, provar nossa culinária, conhecer nossa cultura e formas produtivas. Por isso, um roteiro de visitação para o Turismo de Base Comunitária deve ser pensado na perspectiva do encontro, da partilha e diálogo entre culturas e modos de vida. Sem nunca esquecer o encantamento, mesmo que em breves momentos, a visita deve ser inesquecível !

Para nós da Rede Nhandereko tudo começa por conhecer outras experiências de TBC, como fazemos nas Partilhas de Saberes. É um caminho para os comunitários que estão ingressando nesta atividade se inspirarem, se sentirem estimulados, darem valor e verem potencial nas atividades similares às de sua comunidade. Assim como, depois de criar uma proposta de roteiro é fundamental experimentá-la com o olhar da Rede, por meio da assessoria de quem possui experiência em TBC numa partilha, para ajudar a qualificar e validar o novo roteiro. Este é o modo de fazer da Rede!



O que queremos mostrar sobre nosso território?

Para definir o roteiro de visitação devemos refletir sobre o que queremos que os visitantes conheçam sobre nosso território, nossa cultura e o que temos para oferecer.

O que queremos compartilhar sobre nossa economia?

- Pesca artesanal
- Roçados tradicionais
- Casa de farinha
- Extrativismo
- Agrofloresta
- Artesanatos
- Produtos para venda



O que queremos apresentar sobre nossa cultura?

- Eventos culturais / festas religiosas/ feiras
- Culinária tradicional e de onde vem os produtos
- Danças e músicas t picas
- Artesanatos/cestarias
- Oficinas comunitárias

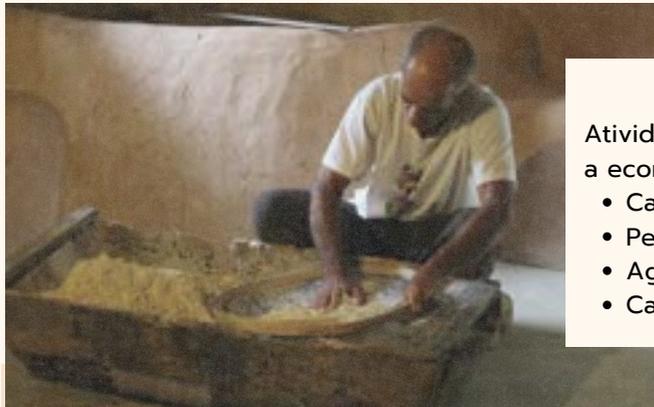
O que queremos mostrar sobre a natureza do nosso território?

- Praias
- Trilhas naturais
- Cachoeiras
- Caminhos históricos
- Mangues



O que a luta nos ensinou sobre nossa história e resistência?

- A memória do lugar - como tudo começou
- Testemunhos e resistência – ensinamentos das pessoas que sabem mais
- Formas de organização – relatos de como a comunidade se organiza
- Contação de histórias / Roda de conversa com Griôs
- Feira de produtos da comunidade



Atividades para conhecer a economia local

- Casa de farinha
- Pesca artesanal
- Agrofloresta
- Casa de artesanato

Atividades nas oficinas comunitárias

- Dança e música tradicional
- Produção de farinha
- Agrofloresta
- Cestarias/artesanato
- Bioconstrução
- Culinária tradicional



Acolhimento

Todas as atividades devem começar pelo acolhimento na comunidade, com uma roda de conversa onde fazemos a apresentação da comunidade, da equipe envolvida no roteiro, do grupo visitante e das normas/cuidados durante a permanência na comunidade.

Neste momento acontece a contextualização sobre a história, o modo de vida no território e sobre o trabalho do Coletivo local que organiza o TBC, fundamentando e preparando o olhar do visitante para o que virá.

Em todos os roteiros, procuramos reservar tempo para os visitantes conhecerem a gastronomia local (café, almoço ou outra refeição), uma manifestação artística e cultural, também para que possam adquirir nossos produtos.

Ao propor uma Oficina Comunitária - de artesanato, feitiço de farinha, plantio, dança tradicional - é importante descrever o que vai acontecer, para que os visitantes saibam o que vão fazer e em quanto tempo, quem vai conduzir a atividade, o modo de fazer e o significado para a comunidade.

Ao final da roda de conversa ou na finalização de uma atividade do roteiro, sempre abrir espaço para ouvir dos visitantes suas impressões sobre o que vivenciaram, como se sentiram, e fazer esclarecimentos.



Coletivo de acompanhamento das atividades

Criar um Coletivo facilita a organização de um roteiro, pois caberá a ele a divisão de tarefas, atribuições e a responsabilidade por cada etapa do roteiro entre os comunitários envolvidos – quem divulga e recebe a demanda de visitação, quem organiza internamente a execução do roteiro, quem recebe o grupo, quem acompanha e orienta cada atividade prevista.

Este Coletivo deve ser formado por pessoas que estejam familiarizadas com as atividades e que possam compartilhar seu conhecimento durante o processo – como na pesca, na casa de farinha e na culinária. É sempre bom incluir jovens e outras pessoas novas na atividade do TBC na equipe - estar na companhia de alguém mais experiente é uma oportunidade de sensibilização e aprendizado para quem tá chegando.

Produzir e organizar os conteúdos do roteiro de TBC na comunidade

É importante considerar que todas as atividades dos roteiros de TBC em nossas comunidades são momentos importantes de interação e comunicação. Temos que levantar todas as informações sobre cada uma das atividades para informar os visitantes sobre nossas práticas comunitárias e o porque elas são importantes para nós, pois possuem conhecimentos gerados e transmitidos por gerações. Pensar no passo a passo das atividades trará mais segurança para equipe local na hora da execução.

As informações e as vivências de cada atividade serão incorporadas pelos visitantes através dos testemunhos e troca de saberes. Se o roteiro da atividade for vivo - ou seja, se traz a experiência da comunidade naquela atividade – teremos verdadeiramente realizado a comunicação, gerado informação para nossos visitantes e é nesse ato de comunicar (com conteúdo) que acontece a partilha. E, nesse sentido, a visita se torna inesquecível.

Quanto vale tudo isso?

Fazer TBC envolve um grande trabalho de equipe, desde as pessoas que se dedicam ao planejamento e preparação de todos os momentos da visita, até os que conduzem e acompanham uma ou mais atividades do roteiro.

O trabalho da coordenação do TBC na comunidade tem responsabilidade pela condução política e organização de todo o processo e fazer o elo com a Rede Nhandereko. O trabalho da comunidade envolve se preparar para receber em seus caminhos os visitantes. Tem ainda aqueles trabalhos que são imprescindíveis e que só podem ser feitos por pessoas que detêm o saber daquela ação, como as cozinheiras, os artesãos, os pescadores etc. Toda essa equipe também deve avaliar qual será o impacto da prática do TBC na natureza e na comunidade, pois de uma forma ou de outra será o palco de todo o processo.

Dá muito trabalho, mas vale a pena, pois traz benefícios para cada um dos envolvidos no processo e para a comunidade como um todo. Por isso é importante dimensionar, de forma justa e equânime, cada uma das tarefas e o tipo de trabalho necessário para realizá-la.



Quantificar cada tarefa por tempo gasto para ser feita (o antes, durante e o depois). Dimensionar a responsabilidade e habilidade para a realização de cada atividade. E levar em conta tudo isso para pensar o custo de cada atividade e do roteiro como um todo, sempre pensando na melhor repartição de benefícios entre os envolvidos.

Quanto custa para um pescador o tempo de trabalho para conduzir a visita ao cerco? Quanto custa para uma cozinheira pensar e preparar um cardápio para um grupo de visitantes – quanto custa os ingredientes? quantas pessoas ela mobiliza? quanto tempo leva para que tudo fique pronto?

O que um artesão precisa para preparar e realizar uma oficina de cestaria – tempo, matéria prima, ferramentas etc? E uma contação de história?

Devemos incluir nesses cálculos os custos individuais dos produtos oferecidos em cada atividade, sendo fundamental não se esquecer dos custos para sua produção. Por exemplo, numa oficina de cestaria o artesão precisa de matérias primas e de ferramentas além do seu conhecimento. Feitos todos os cálculos, se determina o valor de cada atividade, por pessoa e/ou por grupo de pessoas que tal atividade comporta – de acordo com o tempo de duração.

O valor final do roteiro deve contemplar, além dos valores de cada atividade e produto oferecidos, o custo daquelas atividades que geralmente não aparecem, mas sem as quais o roteiro não acontece, como: comercialização, comunicação, limpeza, jardinagem e a coordenação do processo como um todo.

O Roteiro teste pronto para ser vivenciado e avaliado na Partilha da Rede

Começamos vivenciando o TBC nas comunidades mais experientes e, após desenhar nossos roteiros locais, a proposta é que possamos contar com a avaliação do coletivo da Rede para qualificar nosso trabalho.

Assim ao mesmo tempo em que reforçamos nossos vínculos e nosso entendimento sobre os princípios e valores da rede, partilhamos conhecimentos.

O roteiro teste também é o momento para experimentar o contato com o cliente, o detalhamento do conteúdo e tempo da atividade, bem como o envio das orientações prévias para os turistas (necessidade de uso de filtro solar, carregar água, roupas de banho, repelentes, tipo de calçado e o que achar necessário).



FÓRUM DE
COMUNIDADES
TRADICIONAIS

Ponto de Cultura pelo
Camimim

“Foi importante pra nós ter o Protocolo de Consulta, documento que defende os direitos indígenas e o território, traz autonomia para nossa luta.”

Pedro Mirim Benite – TI Itaxi Mirim (Paraty)

Rede Nhandereko tecida por muitas mãos

“Nhandereko representa a cultura, assim devemos fortalecer e valorizar a nossa identidade cultural contra as forças opressoras, por isso estamos juntos nesse momento, nessa união, nessa luta.”

Pamela Daniele Albrecht – Comunidade Caiçara de Trindade (Paraty)



O processo de produção no TBC intensifica nossas práticas de cooperação e de ajuda interna e externa, pois requer que trabalhem com uma diversidade de fatores e de sujeitos que vão sendo incorporados como experiência comunitária própria de cada local e contexto. Além disso, a prática do TBC implica em atuar com autonomia em nossos territórios, pois o TBC só é possível em território livre.

A Rede Nhandereko vem sendo tecida dentro da estratégia de fortalecimento da nossa luta na defesa dos nossos territórios, do respeito aos nossos modos de vida e a proteção do meio ambiente.

Suas primeiras sementes começaram a ser plantadas em 2015, com cerca de 12 comunidades, e desde então essa construção é um caminho aberto que nos ajuda a avançar e concretizar nossos objetivos.

Somos uma rede de empreendimentos turísticos geridos por indivíduos, famílias e coletivos organizados nas comunidades ligadas ao FCT. E hoje trabalhamos para sensibilizar outras comunidades para se integrarem a nossa caminhada.

Em 2017, começa nosso diálogo com o ICMBio afirmando que o TBC é uma estratégia de aproximação e integração entre as comunidades tradicionais e as unidades de conservação, desde que reconhecido e respeitado nosso protagonismo. Buscamos com isso distensionar os conflitos existentes e criar um ambiente favorável de gestão entre as partes.

São eles para aproximar o órgão gestor com as atividades comunitárias geradoras de renda e ligadas à valorização e uso público dos atributos naturais, culturais, históricos e paisagísticos dos territórios socioambientais especialmente protegidos. Esse caminho vem sendo trilhado desde então.



Fonte: FCT (2019)

LINHA DO TEMPO

Rede Nhandereko

A Rede Nhandereko vem sendo tecida dentro da estratégia de fortalecimento da nossa luta na defesa dos nossos territórios, do respeito aos nossos modos de vida e a proteção do meio ambiente.

Fórum de Comunidades Tradicionais
- FCT é criado

2007

TBC é incorporado como uma das 5 prioridades do FCT

2009

Primeira imersão coletiva em TBC
Projeto "Caiçaras, indígenas e quilombolas: construindo juntos o turismo cultural da região Costa Verde" (Edital TBC/MTUR)

2010 - 11

Parceria do FCT com a Fiocruz - OTSS
TBC segue como uma das prioridades

2013

O ano das primeiras sementes da Rede
- Nossas experiências no I Encontro de TBC da Costa Verde
- Participação no 2º Encontro da Rede Turisol
- 1º Mapa de Bolso com roteiros de 15 comunidades

2015

A Rede começa a tomar corpo
- Nasce a ideia da Rede de TBC do FCT
- Surge ideia da Central de Comercialização de produtos e serviços de TBC
- Partilhas de TBC realizadas no território

2016

A Rede se aproxima das unidades de conservação

- Participação no Seminário de Áreas Protegidas e Inclusão Social (Sapis), Niterói, RJ
- TBC nas UCs só com protagonismo das comunidades
- Projeto "TBC gerando renda com a cultura e proteção ambiental" (BIG 2050/FAO-GEF-INEA)

Parceria APA Cairuçu ganha corpo

- TBC é prioridade no Plano de Manejo
- Início "Projeto Rede Nhandereko – APA Cairuçu"
- Nasce a Carta de Princípios
- Nosso nome Rede Nhandereko

Fortalecendo e ampliando a Rede e a parceria com as UC

- Finalização do Projeto "Projeto Rede Nhandereko – APA Cairuçu"
- Organização e participação da Oficina de TBC em Unidades de Conservação (Tamandaré, PE)
- Membro do Conselho Gestor do Parque Nacional da Serra da Bocaina
- 2ª versão do nosso Mapa de Bolso
- Rede Nhandereko no Caderno de experiências de TBC em UC Federais (ICMBio)

TBC como política pública

- Projeto de Fortalecimento do TBC na APA Cairuçu (Recursos TAC Chevron/Funbio)
- Incidência para aprovação de Lei que estabelece a Política de TBC de Paraty

Ampliando ações

- Novos passos na construção da Central de comercialização dos roteiros de TBC

2017

2018

2019

2020

2022

Carta de Princípios

O MAPA DO CAMINHO

“Em dois anos
juntamos todas
essas falas,
reagrupamos e
chegamos à
Carta de
Princípios.”

Vagno Martins (Vaguinho)
– Caiçara de São Gonçalo (Paraty)



Nossos Princípios e Valores

- Vínculo com o Fórum de Comunidades Tradicionais – nosso espaço coletivo de luta, garantia de direitos e fortalecimento das nossas organizações.
- TBC como instrumento para permanência em nossos territórios, onde existimos e podemos exercer nosso Nhandereko.
- Protagonismo comunitário com inclusão social, econômica e cultural crescente.
- Autogestão, autonomia e respeito aos acordos.
- Participação e solidariedade com acolhimento e mística.
- Equidade de gênero e geração.
- Conservação e uso sustentável dos recursos naturais.
- Contatos culturais e vivências que mostrem aos turistas as contribuições das comunidades à sociedade e à natureza.
- Acordos baseados na distribuição equilibrada de custos entre produtos, serviços e roteiros, na divisão do trabalho e na formação de preços justos.

Nossos Objetivos

- Estruturar, qualificar, comunicar e comercializar iniciativas de TBC ligadas ao Fórum de Comunidades Tradicionais.
- Ampliar a renda gerada pelo turismo que valoriza nossa cultura e proporciona contato do visitante com o “nosso modo de vida”.
- Integrar o turismo às ações de agroecologia, educação diferenciada e demais pautas do FCT.
- Promover formações e fortalecer as comunidades e o associativismo.
- Preservar e valorizar nossa cultura, tecnologias, saberes e formas próprias de organização.
- Valorizar e reverenciar nossa ancestralidade.
- Praticar e aprimorar a agricultura tradicional e agroecologia.
- Desenvolver a economia popular e geração de renda local.



Governança Comunitária

A Rede Nhandereko possui uma Governança Comunitária que reflete os modos de organização dos nossos povos, comunidades e territórios e busca manter suas ações em coerência com esses princípios. Ela é tecida desde os processos internos das nossas comunidades, passando por diversos planos de organização e participação, de forma que as comunidades associadas à Rede participem dos benefícios gerados por ela.

Esse diálogo interno entre os participantes dos roteiros locais busca demonstrar o poder do arranjo promovido ao envolver diversos empreendimentos coletivos e individuais, lideranças, grêmios, guias, agricultores, pescadores, na implementação de um roteiro de TBC.

Essa mobilização da comunidade é essencial para que aconteça o TBC e esse trabalho é papel da coordenação da Rede e da coordenação local, por isso deve ser visibilizado e valorizado.

Nossa estrutura de decisões

Assembleia Geral

- Delibera sobre grandes decisões coletivas e o planejamento estratégico.
- Fortalece a discussão sobre impactos do turismo.

Coordenação

- Acompanha os empreendimentos e comunidades participantes.
- Mobiliza recursos e faz a gestão política, administrativa e financeira.
- Promove e acompanha o trabalho da equipe técnica, dos agentes e Coletivos locais de TBC.

Coletivos locais e TBC

- Representantes comunitários e articuladores locais que promovem as experiências nas suas comunidades.

Empreendimentos

- Empreendimentos com gestão familiar ou coletiva com impactos positivos sobre a comunidade.



ESTRUTURA DE GOVERNANÇA da Rede Nhandereko





Nosso Público

“O TBC é dar um brilho na pessoa - que aquilo ali pertence a ela, como falar do tio, do avô, e assim dar uma importância a tudo isso. É aí que muda o olhar da pessoa, porque você começa a se colocar e mostrar a sua importância, isso é forte. É onde fortalece tudo, você, seu lugar, sua família, seu território e sua luta.”

Rafaela Albino Cananéa – Caiçara da Praia do Sono (Paraty)



"Um dos alunos que veio aqui no passado, voltou, foi emocionante, me reconheceu e contou: 'agora estou com 17 anos e entendi tudo o que você tinha falado sobre política'. Aí rolou o maior debate sobre o cenário, o governo, as perguntas foram sobre o que retrocedeu do que avançou. É gostoso de fazer, gerar renda e formar a sociedade ...".

Daniele Elias Santos - Quilombo do Campinho (Paraty)

O Turismo de Base Comunitária vem no contrafluxo do turismo realizado em nossos territórios nos últimos anos à revelia de nossas comunidades, que na maioria das vezes chega de forma desorganizada, usufruindo dos atributos naturais dos territórios e desconsiderando a cultural local.

Para a Rede Nhandereko as comunidades tradicionais também são um público importante. As Partilhas proporcionam essa movimentação de comunitários no território e a troca sobre o que está envolvido nas experiências em termos de valores, identidade cultural, ancestralidade, conhecimentos e tantos mais.

É um alimento pra nós, pois nos dá visibilidade como protagonistas e valoriza nossas práticas. Nos tira da postura passiva a que nos coloca o turismo de mercado que nos vê como peça do sistema explorador de nossas paisagens, produtos e cultura. Quando uma comunidade conhece a outra, a gente consegue reconhecer o que temos de comum e o que temos de diverso e específico.

Os estudantes, de escolas e universidades públicas e privadas, professores e pesquisadores têm sido nosso maior público. Mas também recebemos outros públicos interessados em conhecer nossa realidade. Para nós, as pessoas que nos visitam através do TBC são nossos interlocutores e aliados - muitas delas voltam para fazer estudos e pesquisas a partir do que aprenderam sobre nossos territórios e cultura.

TBC possibilita estabelecer alianças na formação de um novo olhar político, cultural e ambiental para a sociedade, afinal, muitos desses estudantes serão juízes, advogados, pesquisadores, professores - precisamos de profissionais de cabeça mais aberta atuando no mundo.

O TBC promove a sensibilização e a formação das novas gerações, por ser um ambiente legítimo de diálogo e cooperação com outros sujeitos sociais (universidades, organizações e movimentos sociais) - não somente no apoio e valorização dos nossos territórios, mas também de identificação cultural histórica com quem nos visita, pois possuímos um legado que preserva as raízes da cultura brasileira.

Os atrativos do TBC, por serem específicos ligados à cultura e à natureza, promove a sensibilização ecológica, social e política. E a pessoa que está na comunidade trabalhando em qualquer função (recepção, guia, etc) se percebe importante - vai se desprendendo e entendendo que também é importante, que seu modo de vida é importante e passa a ser beneficiado com esse trabalho.

O público que percorre os roteiros de TBC das comunidades integrantes da Rede também se conecta com suas raízes, pois quando olha os comunitários ali envolvidos percebe que estão contribuindo para sua autonomia, seus conhecimentos, sua confiança e autovalorização.



Parcerias

MUITAS FACES DA MESMA LUTA

"Turismo de base comunitária não é um segmento do mercado turístico, é um modo de organização e gestão do turismo baseado no protagonismo comunitário".

Teresa Mendonça - UFRRJ



Nossas parcerias são baseadas nos alicerces da cooperação e apoio entre organizações sociais, redes e instituições públicas. Essas alianças garantem insumos importantes para o aprimoramento das ações de TBC – como aporte de recursos para estruturação e qualificação, infraestrutura, apoio institucional e político que fortalecem nossas lutas pela defesa e permanência nos territórios.

Os diálogos sobre TBC no Fórum de Comunidades Tradicionais acontecem desde seus primeiros planejamentos, se colocando como uma das pautas prioritárias. Logo que houve a aproximação do FCT com a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) começamos a pensar como essa parceria poderia aportar recursos para que as experiências comunitárias de TBC avançassem.

Após alguns anos, a criação do Observatório de Territórios Sustentáveis e Saudáveis da Bocaina (OTSS), concretizou essa parceria entre o FCT e a Fiocruz, que segue firme até hoje. Por meio dela, ampliamos nossa incidência interna, junto as experiências comunitárias de TBC da região, e externa.

Contamos com esse apoio para fortalecer as trocas de experiências e os debates sobre o tema – a semente e o florescer das Partilhas de Saberes e da Rede Nhandereko. E seguimos nessa parceria com o processo de construção da Central de comercialização de produtos e serviços de TBC e com estudos sobre a sustentabilidade dos empreendimentos associados à Rede.

Nossa participação no I Encontro de TBC da Costa Verde (municípios de Angra dos Reis e Paraty) significou uma primeira aproximação de nossas experiências com o poder público municipal. Ali reforçamos o protagonismo comunitário e a necessidade de políticas públicas de saúde, educação, fundiária, etc, para que tenhamos nosso território livre e com condições dignas de vida.

Nesse momento também nos aproximamos do Projeto Bagagem e da Rede Tucum do Ceará, e por meio deles conhecemos a Rede Brasileira de Turismo Solidário e Comunitário (Turisol), a qual nos integramos. Conhecer e atuar nesses espaços nos trouxe reflexões importantes sobre a forma de comunicar e comercializar nossos roteiros. Nossa inserção reforçou o diferencial de que o protagonismo das experiências de TBC precisa ser sempre das comunidades, as instituições de ensino e pesquisa e agências serão aliados e parceiros alinhados com nossas pautas.

A aposta e confiança em nosso trabalho por algumas universidades públicas, em especial a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), contribuiu para a qualificação de nossas ações, principalmente pela participação de especialistas em TBC em nossas Partilhas. E também fortaleceu a divulgação dos nossos roteiros para o público universitário.

.....



Por meio de um pequeno edital, acessamos recursos da Iniciativa BIG 2050¹ - Projeto “TBC gerando renda com a cultura e proteção ambiental”, para a realização de Partilhas de Saberes e dar passos na construção da Central de comercialização de produtos e serviços do TBC. Esta iniciativa teve um papel importante na aproximação da Rede com a gestão da APA Cairuçu - abriu oportunidade para captar recursos para o fortalecimento do TBC em unidades de conservação e para a criação da política do ICMBio para o tema.

A parceria com a APA Cairuçu/ICMBio vinha sendo gestada pela participação do FCT, por meio de representantes das organizações comunitárias caiçaras, indígenas e quilombolas, no Conselho Gestor da unidade de conservação. Porém, a aprovação do “Projeto Rede Nhandereko – APA Cairuçu”, na Chamada de Propostas para Fortalecimento de Iniciativas de TBC/ICMBio-PNUD, foi um marco importantíssimo para concretizar uma parceria fluida e crescente.

O desenvolvimento deste projeto, nos anos 2018 e 2019, facilitou as discussões sobre conceitos, acordos, princípios, comunicação e comercialização dos roteiros. Também contribuiu para que o TBC se tornasse uma das quatro prioridades de gestão do Plano de Manejo da APA Cairuçu, com novo aporte de recursos para concretizar as ações planejadas.

O processo de construção do conceito de TBC na APA Cairuçu nos credenciou a replicar esta experiência junto à comunidade quilombola na Reserva Extrativista de Frechal, no Maranhão.

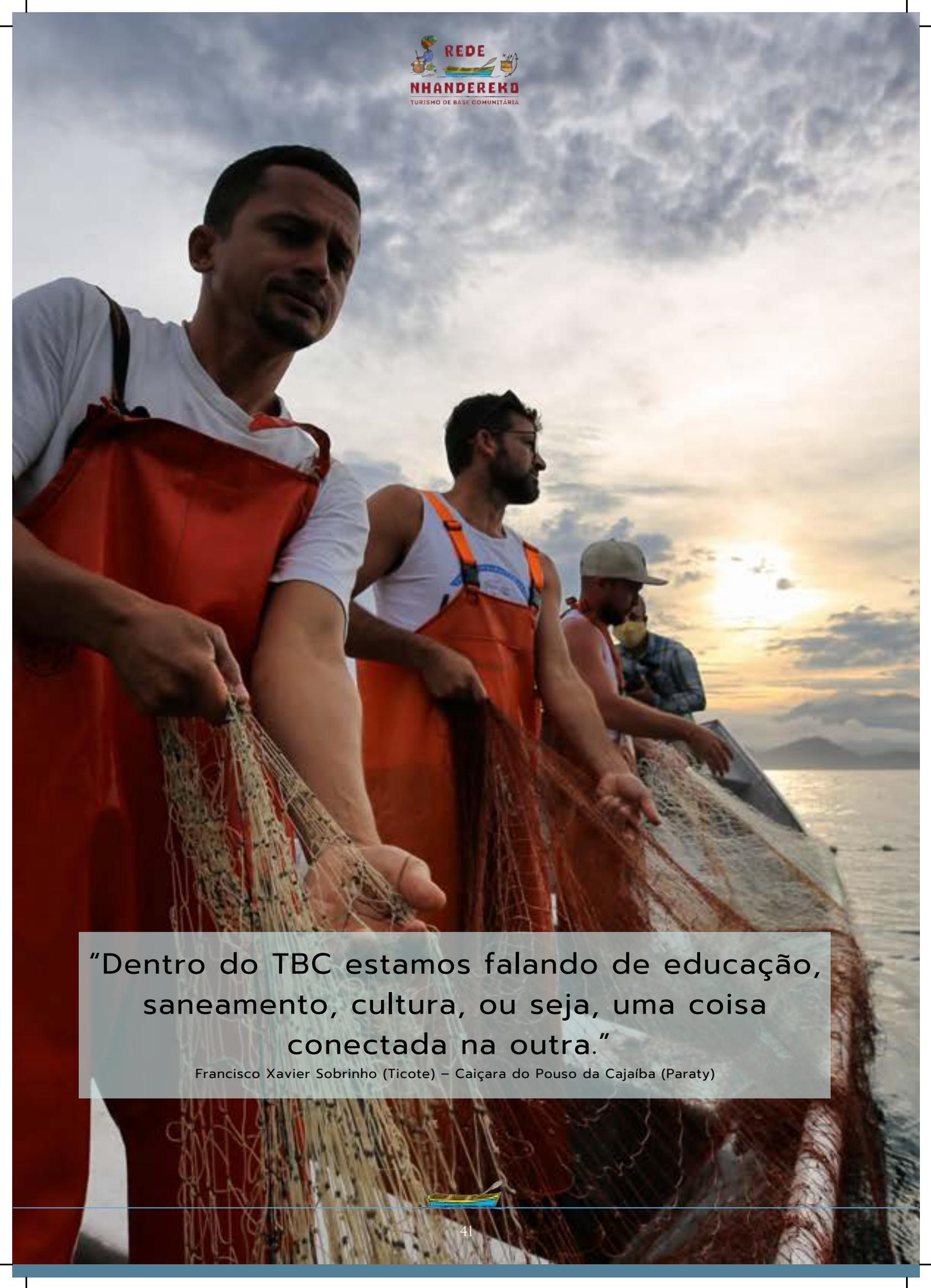
O convite do ICMBio para a Rede se estendeu para apoiar a organização e realização da Oficina de TBC em Unidades de Conservação, em Tamandaré (PE), quando a Partilha foi reconhecida pelo ICMBio como metodologia dos encontros da Rede. Em seguida, nossa experiência da Rede Nhandereko foi incluída na publicação Caderno de experiências de TBC em Unidades de Conservação Federais (ICMBio).²

Nos últimos dois anos, a incidência junto ao Executivo e Legislativo do Município de Paraty resultou na aprovação da Política Municipal de Turismo de Base Comunitária – Projeto de Lei 045/2022. Nosso papel segue agora na continuidade do diálogo com gestores públicos para replicação dessa iniciativa e para aplicação desta e outras políticas públicas no interior de nossos territórios (infraestrutura, saúde, educação diferenciada, transporte, assessoria técnica, subsídios etc).

1. A Iniciativa BIG 2050 estimulou iniciativas de desenvolvimento sustentável na Baía da Ilha Grande – parceria entre o Instituto do Ambiente do Rio de Janeiro (INEA), Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO-ONU), com recursos do Global Environment Facility (GEF).

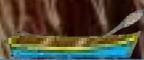
2. A publicação está disponível em <https://www.gov.br/icmbio/pt-br/centrais-de-conteudo/turismo-de-base-comunitaria-em-ucs-caderno-de-experiencias-pdf>.





“Dentro do TBC estamos falando de educação, saneamento, cultura, ou seja, uma coisa conectada na outra.”

Francisco Xavier Sobrinho (Ticote) – Caiçara do Pouso da Cajaíba (Paraty)



O TBC E AS ÁREAS PROTEGIDAS

ELOS FORTALECIDOS

“É importante que a luta seja passada para os jovens,
para eles transmitirem de geração em geração.”

Eva Benite - TI Itaxi Mirim (Paraty)



Nossos territórios são tratados como áreas protegidas desde sempre, nossas florestas, nossa mata atlântica, nossos rios. Nossos mais velhos dizem que antes de ter a legislação ambiental eles já cuidavam e protegiam a natureza.

A construção da rodovia Rio-Santos, na década de 1970, ampliou a especulação imobiliária em nossos territórios, o que causou e ainda causa a expropriação de muitos comunitários, seja pela ação da força, da necessidade ou da ilusão que em outros locais terão condições mais dignas de vida com escola, saúde, etc. O fato de vivermos numa região belíssima do país, entre as grandes metrópoles do Rio de Janeiro e São Paulo, aumenta ainda mais esse interesse dos de fora ocuparem nossas terras com suas casas de veraneio e outros empreendimentos imobiliários.

As unidades de conservação (UC) chegaram nessa época, sobrepondo suas áreas sobre nossos territórios preservados, sem nos consultar ou mesmo informar. Em alguns casos ajudou a conter a especulação imobiliária, mas restringiu nosso modo de vida e reprodução cultural, gerando conflitos que até hoje vivemos em muitas situações.

Com a criação do Fórum de Comunidades Tradicionais (FCT) começamos a ocupar os espaços de diálogo e gestão das unidades de conservação da região – os Conselhos Gestores.

Com a nossa presença e voz trazemos nossa realidade, nossas demandas, reconhecimento e respeito para nossos territórios. O Turismo de Base Comunitária tem ajudado a criar elos com as unidades de conservação, pois dentre os princípios da Rede Nhandereko está a conservação e uso sustentável dos recursos naturais.

Nossos contatos e vivências com os turistas contribuem para a formação de um novo olhar sobre a natureza, onde nossos saberes e nossas práticas culturais estão totalmente interligados - a valorização de um depende da proteção do outro.

“Somos protagonistas de nossas experiências - do começo ao fim do processo - participando da construção dia após dia.”

Daniele Elias Santos - Quilombo do Campinho (Paraty)

A Rede reforça a visão de que o protagonismo do TBC nas unidades de conservação tem que ser sempre das comunidades - da concepção à execução das atividades. E as unidades de conservação devem partilhar dessa construção como parceiras, respeitando nossas decisões. Muito embora o TBC tenha o protagonismo comunitário como premissa, essa nossa visão ainda precisa ser replicada e ampliada para a narrativa nacional.



Queremos cada vez mais discutir e deixar bem expressivo a importância do nosso protagonismo, pra isso queremos contribuir para discutir o conceito, os princípios, os valores do TBC, com comunidades e unidades de conservação Brasil afora. E também levar as Partilhas de Saberes como ferramenta pedagógica nessa relação. É uma forma de dar visibilidade à nossa luta pela permanência nos territórios tradicionais e de incidir nas políticas públicas relativas às áreas protegidas.

Um exemplo recente que demonstra a convivência e integração de nossa cultura viva e ancestral com o ambiente natural protegido foi o título “Paraty e Ilha Grande: cultura e biodiversidade”, concedido como Sítio Misto do Patrimônio Mundial pela Unesco, em 2019. Nossa resistência e diversidade cultural associada à proteção ambiental pelas unidades de conservação foram os principais atributos para nossa região obter esta conquista.

Quando a gente pensa em trabalhar com as unidades de conservação, vemos o TBC como alternativa de uma prática mais sustentável, equilibrada, onde Estado e comunidade conseguem sentar na mesa e um reconhecer o outro - porque um precisa do outro. E como em nossa região muitos desses roteiros acontecem nas unidades de conservação que se sobrepõem aos territórios tradicionais, ajuda a despertar nas comunidades uma relação de pertencimento com essas áreas protegidas.

Nessa linha de caminhar junto, o TBC é uma ferramenta poderosa para envolver as comunidades locais e passar a criar uma relação construtiva, respeitosa e de cooperação entre os órgãos gestores das unidades de conservação e as comunidades tradicionais. Em nossa região já temos alguns exemplos positivos nas áreas de abrangência das unidades de conservação federais construídos em diálogo com as comunidades - inclusão do TBC e outras pautas nos planos de manejo, termos de compromisso para permanência das famílias em seus territórios tradicionais e para exercerem atividades como a moradia, pesca artesanal, pequenos roçados e serviços turísticos comunitários.

Frutos da incidência das comunidades e da Rede Nhandereko nas UC da região

- TBC e regularização fundiária dos Territórios Caiçaras como ações prioritárias previstas no Plano de Manejo da Área de Proteção Ambiental de Caiçuçu (APA Caiçuçu)
- Recursos destinados para ações de fortalecimento do TBC pactuadas no Conselho Gestor da APA Caiçuçu
- TBC presente no Termo de compromisso entre famílias caiçaras e Parque Nacional da Serra da Bocaina (PNSB)
- Autorização para serviços náuticos em área do PNSB para Associação dos Barqueiros e Pequenos Pescadores de Trindade



Queremos inovar com o fortalecimento das Parcerias Público-Comunitárias (PPC). Nas PPC os serviços de uso público nas unidades de conservação deverão ser prioritariamente ofertados pelas comunidades – por suas organizações comunitárias e/ou pela Rede Nhandereko, numa relação de parceria consolidada por instrumentos de gestão duradouros, construídos e monitorados em diálogo constante.

Também consideramos que o fomento ao TBC pelas unidades de conservação faz parte das PPC e por isso deve estar em pauta e ser ampliado. Recursos para infraestrutura de apoio à visitação turística e para melhorias nas comunidades devem ser aplicados. Isso deve reverberar na qualidade dos roteiros e atributos naturais e culturais e, por consequência, no atendimento aos visitantes.

Nossa luta é fortalecer cada vez mais os elos entre as comunidades e as unidades de conservação, trabalhar nessas agendas positivas para distensionar os conflitos e avançar em instrumentos de gestão territorial e de visitação pública mais robustos que permitam fazer investimentos, qualificar nossos serviços e trazer maior segurança jurídica para nossas comunidades e organizações.

Para fortalecer o TBC nas Unidades de Conservação

- Protagonismo das comunidades nos serviços de visitação pública
- Replicar a Partilha de saberes como metodologia de fortalecimento de experiências de TBC em unidades de conservação
- Contribuir para ampliar a visibilidade das experiências de TBC
- Incluir o TBC nos eixos estratégicos e disponibilizar recursos para implantar as ações planejadas e pactuadas no Conselho Gestor da UC
- Integrar o TBC e temáticas estruturais na gestão das UC
- UC apoiar investimentos em infraestrutura para o TBC
- Realizar Consulta livre, prévia e informada às comunidades tradicionais na implementação de serviços e instrumentos de gestão do uso público
- Priorizar as comunidades na oferta dos serviços como parceiras – inovar com a “Parceria Público Comunitária”



MAPA DAS COMUNIDADES TRADICIONAIS E UNIDADES DE CONSERVAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DE ANGRA DOS REIS, PARATY E UBATUBA

- 01 PN da Serra da Bocaina
- 02 ESEC Tamoios
- 03 ESEC Tupinambás
- 04 APA Cairuçu
- 05 RPPN Fazenda Tanguá
- 06 PE Cunhambebe
- 07 PE Ilha Grande
- 08 REBIO Praia do Sul
- 09 Reserva Ecológica da Juatinga
- 10 PE Serra do Mar
- 11 PE Ilha Anchieta
- 13 APA Tamoios
- 14 RDS Aventureiro
- 18 APA Marinha Litoral Norte
- 24 PNM da Mata Atlântica
- 28 ARIE Ilhas Cataguás
- 30 APA Bacia hidrográfica do Rio Japuíba
- 31 APA Baía de Paraty e Saco do Mamanguá



Fonte: OTSS (2023)



Plano de Visitação em Terras Indígenas



Em Terras Indígenas o TBC e qualquer tipo de visitação deve seguir regras específicas estabelecidas por um Plano de Visitação, construído e proposto pelos indígenas. O Plano de Visitação foi estabelecido pela Instrução Normativa nº 03/2015 da Fundação Nacional do Índio (Funai), como um marco regulatório para garantir que qualquer atividade turística que aconteça em áreas indígenas respeite os direitos territoriais e culturais deste povo, fortalecendo sua autonomia e organização social.

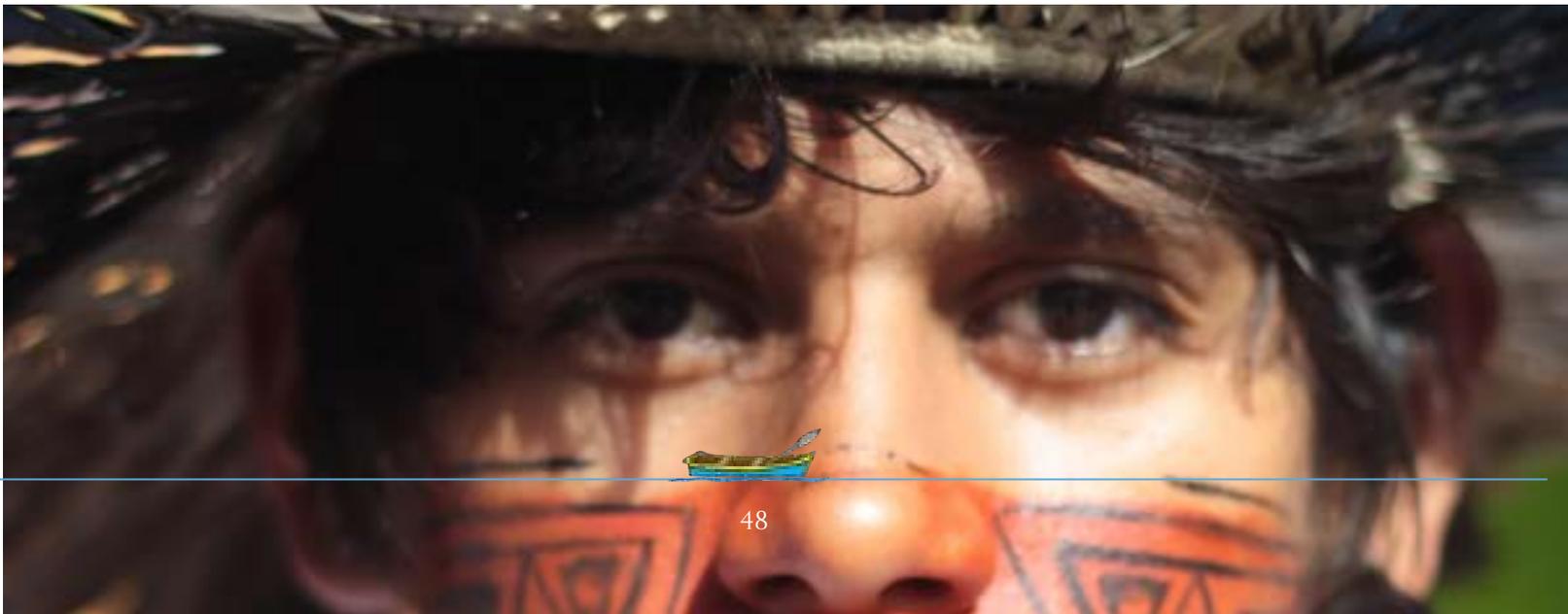
O Plano de Visitação estabelece quais atrativos naturais e culturais podem ser visitados, como e quando vai se dar essa visitação. Os indígenas e suas organizações são os proponentes do Plano, que será apresentado para análise e aprovação da Funai, e, em casos de sobreposição de Unidades de Conservação (UC), a análise deve ser feita em conjunto com os órgãos gestores, levando em consideração o Plano de Manejo da UC e instrumentos de gestão compartilhada existentes. O Plano de Visitação aprovado tem vigência de três anos podendo ser renovado por mais três anos.

Parceiros, públicos ou privados, podem ser convidados pelos indígenas para o processo de construção do Plano de Visitação. Sua atuação deve observar o Protocolo de Consulta da Terra Indígena, que orienta a consulta livre, prévia e informada de povos e comunidades tradicionais, estabelecido pela Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT).

As parcerias envolvidas na gestão do TBC terão suas responsabilidades e atribuições detalhadas no Plano de Visitação e serão formalizadas no Termo de Responsabilidade para Parceiros (Anexo III da IN Funai 03/2015).

A APA Cairuçu se sobrepõe à duas Terras Indígenas homologadas, Araponga e Itaxi Mirim, e a Aldeia Arandu Mirim - as duas primeiras estão integradas à Rede Nhandereko. A Terra Indígena Araponga também tem a sobreposição do Parque Nacional da Serra da Bocaina, portanto, tem regime de dupla proteção territorial.

Queremos avançar na prática de TBC nesses territórios, assumindo juntos o desafio de incentivar a construção, divulgação e gestão do Plano de Visitação nessas Terras Indígenas, em diálogo com os princípios da Rede Nhandereko e do Plano de Manejo da Unidade de Conservação. Assim como, junto com nossos parceiros, apoiar a formação continuada para qualificar a participação de todos os envolvidos nas atividades de TBC nas terras indígenas – indígenas, visitantes, parceiros, agências.



Protocolo de Consulta

O Protocolo de Consulta é um instrumento de orientação feito pela própria comunidade, traz informações sobre sua organização, história, cultura e costumes, e diz como a comunidade quer ser consultada em casos de projetos e/ou medidas que afetem seus territórios e modos de vida.

O direito de consulta livre, prévia e informada está previsto no Decreto Federal 5.051/2004, que incorpora a Convenção 169 OIT, dando poder aos povos e comunidades tradicionais de influenciar efetivamente o processo de tomada de decisões administrativas e legislativas que lhes afetem diretamente.

Plano de Visitação

O TBC em Terras Indígenas será guiado por um Plano de Visitação, construído pelos indígenas e parceiros, seguindo as diretrizes da IN Funai nº 03/2015, da Convenção 169 da OIT, e, quando houver Unidades de Conservação sobrepostas, de seus Planos de Manejo.

O Plano de Visitação contempla um conjunto de regras para a gestão das atividades turísticas pelos indígenas em seu território – o que, como e quando visitar, de forma que a interação dos visitantes com os povos indígenas valorize seu modo de ser e viver, sempre com respeito, trazendo a possibilidade de uma vivência que proporcione ao visitante um novo olhar sobre essa nossa rica cultura.

O Plano de Visitação se relaciona com o Plano de Gestão Territorial e Ambiental (PGTA), quando houver, articulando-se às ações e temas estratégicos da Terra Indígena.



A CADA PASSO ALARGANDO O CAMINHO
APRENDIZADOS E DESAFIOS



“Em nossa cultura e religião, o território e sua mata são respeitados. Queremos nosso território livre!”

Ivanildes Kerexu - Aldeia Rio Bonito (Ubatuba)

A compreensão da nossa força e capacidade de gestar um instrumento de fortalecimento da nossa luta, ao mesmo tempo em que podemos gerar renda e trazer melhorias para nossas comunidades, é um aprendizado que perpassa todos os processos que desenvolvemos até aqui.

Com a Rede Nhandereko, o TBC se consolida como atividade política, econômica e social em nossas comunidades e territórios. Por ser um processo partilhado, exige a comunicação e o diálogo constante em torno dos roteiros e serviços, moldados de acordo com cada contexto.

A qualificação e formação continuada dos comunitários é uma meta para ampliar nossas experiências e também para potencializar nossa capacidade de interlocução com a sociedade.

A sustentabilidade econômica e social dos roteiros precisa ser um tema de debate contínuo. Quando apoiamos as comunidades na definição dos preços justos dos roteiros avançamos na inclusão de benefícios aos envolvidos direta e indiretamente nos roteiros. Porém, ainda temos alguns desafios a avançar neste tema, como valorizar o papel dos coordenadores locais e da Rede, ampliando a visibilidade e remunerando seu trabalho.

A Partilha de saberes é nossa ferramenta de resgate e afirmação do nosso modo de viver e uma pedagogia de protagonismo das nossas identidades – que só pode ser exercida em condições de equidade entre seus sujeitos.

Queremos fortalecer esta prática entre nossas comunidades, para que cada vez mais os caiçaras, indígenas e quilombolas se conheçam e reconheçam no que é comum e no que é diverso.

Nossa caminhada enquanto Rede Nhandereko exige um processo complexo e contínuo de articulação, diálogo e construção de pontes – fortalecendo as que já existem e ampliando outras – com instituições públicas, movimentos sociais, organizações comunitárias, redes, agências de turismo e outros.

Nesse sentido, o maior desafio é consolidar a Rede Nhandereko como instância de luta e ambiente de diálogo e convergência das diversidades de territórios, culturas e formas de gestão de um outro tipo de turismo e outra visão sobre nossa cultura. O que exige fortalecer práticas de TBC como produto social partilhado em nossos territórios – o TBC só acontece se for gestado e gerido pelas comunidades dentro dos territórios tradicionais, com garantias de sustentabilidade ambiental e social.



A governança da Rede precisa ser cuidada permanentemente para que os elos se mantenham conectados e sejam fortalecidos, com pessoas assumindo funções estratégicas, com disponibilidade e remuneração.

Para isso, as instâncias locais de governança do TBC precisam ser criadas e cuidadas, a elas cabe a conexão constante com a Coordenação da Rede, podendo inclusive apoiá-la em vários espaços e momentos externos.

A Coordenação da Rede cada vez mais precisa de reforços, quanto a isso criamos uma coordenação ampliada com mais comunitários envolvidos. Mas nosso desafio tem sido viabilizar tempo e recursos para a formação desse grupo, de forma que tenhamos mais pessoas dividindo as tarefas e fazendo as articulações com as comunidades e os parceiros da Rede.

A Rede também traz o TBC como alternativa de uma prática mais sustentável e equilibrada nos territórios protegidos, onde Estado e comunidade conseguem sentar na mesa e reconhecer que um precisa do outro, num ato de superar conflitos e retroalimentar a gestão de agenda positiva entre territórios tradicionais e unidades de conservação.

As Parcerias Público-Comunitárias, associadas à investimentos para qualificação dos empreendimentos comunitários locais e da própria Rede, se colocam como um caminho para que, cada vez mais, estas iniciativas possam assumir a gestão do turismo nas áreas protegidas. Dessa forma, queremos aliar forças para fazer a contraposição ao turismo de mercado que acontece em nossas comunidades, transformando-as em territórios livres e autônomos.

Nossas comunidades são importantes sujeitos no contexto das lutas sociais e políticas do entorno, com mais protagonismo nas lutas por direitos. Isso facilita e amplia o diálogo com outros setores sociais, dentro e fora das instituições e em outros estados, quando nos convidam para participar de eventos, reuniões para apresentar nossas experiências e debater as questões das políticas de defesa dos nossos territórios. Queremos ampliar essa interlocução contribuindo para multiplicar e concretizar essas ideias por onde pudermos andar.

No âmbito externo, por ser uma referência a ser replicada, a Rede tem como desafio incidir na elaboração de marcos legais adequados ao turismo de base comunitária, como um novo modelo de reconhecer e tributar este trabalho diferenciado, enquanto política pública, fazendo contraponto às exigências atuais que não condizem com a realidade das comunidades tradicionais.

O caminho percorrido até aqui ampliou nossa visão sobre a importância das nossas comunidades e territórios, não só internamente, na emergência de garantir a continuidade de nossa cultura e preservação da natureza de nossas terras. Mas também, a importância de nosso protagonismo na inserção e diálogo no entorno dos nossos territórios, na região e em nível nacional - na companhia de outros sujeitos em luta - por garantia de direitos, na definição e execução de políticas públicas de proteção de direitos e retomada de lutas.



E assim seguimos
alargando nosso caminho
a cada passo.



BIBLIOGRAFIA

BRASIL. FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO. Instrução Normativa nº 03, de 11 de junho de 2015. Estabelece normas e diretrizes relativas às atividades de visitação para fins turísticos em terras indígenas. Diário Oficial da União: Seção 1, Poder Executivo, Brasília, p. 41-43, 06 dez. 2015. Disponível em <https://www.gov.br/funai/pt-br/arquivos/conteudo/ascom/2015/doc/jun-06/in-03-2015.pdf>. Acesso em 20 abril 2023.

BRASIL. INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE. GUERRA, M.F; ALVITE, C.M.C.; SANTOS, B.V.S. (org.). Turismo de base comunitária em unidades de conservação federais: caderno de experiências. Brasília: ICMBio, 2019. Disponível em <https://www.gov.br/icmbio/pt-br/centrais-de-conteudo/turismo-de-base-comunitaria-em-ucs-caderno-de-experiencias-pdf>. Acesso em 22 mar.2023.

BRASIL. INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE. Plano de manejo da Área de Proteção Ambiental de Cairucu. Paraty: ICMBio, 2018. Disponível em <https://www.icmbio.gov.br/cairucu/plano-de-manejo.html>. Acesso em 18 abril 2023.

BRASIL. INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE. Turismo de base comunitária: histórico no ICMBio e as experiências da Resex Pirajubaé e da APA Cairucu. 12º Encontro temático online da GR5-Sul/ICMBio. Brasília: ICMBio, 19 out. 2022.

FRANCO, Victoria. Primeiro plano de visitação em terra indígena fora da Amazônia é lançado pelos guarani. São Paulo: CTI/ISA, 2018. Disponível em <https://trabalhoindigenista.org.br/primeiro-plano-de-visitacao-em-terra-indigena-fora-da-amazonia-e-lancado-pelos-guarani/>. Acesso em 20 abril 2023.

INSTITUTO GUACUY. Protocolo de consulta aos povos e comunidades tradicionais: o que é e qual sua importância? Belo Horizonte: Instituto Guacuy, 2022. Disponível em [https://guacuy.org.br/protocolo-de-consulta-pcts-importancia/#:~:text=O%20Protocolo%20de%20Consulta%20\(PC,e%20Comunidades%20Tradicionais%20\(PCTs\)](https://guacuy.org.br/protocolo-de-consulta-pcts-importancia/#:~:text=O%20Protocolo%20de%20Consulta%20(PC,e%20Comunidades%20Tradicionais%20(PCTs).). Acesso em 18 abril 2023.

JARA HOLLIDAY, O. Para sistematizar experiências. UFPB: João Pessoa, 1998.

MARTINS, V. & SILVA, L.C. Relatório oficina de encerramento do projeto Rede Nhandereko-APA Cairucu: perspectivas e continuidade das ações da Rede Nhandereko. Paraty, Rede Nhandereko/FCT/ APA Cairucu/ICMBio/PNUD, 2019. 14p.

REDE NHANDEREKO; INCUBADORA DE TECNOLOGIAS SOCIAIS/OTSS. Guia da Rede Nhandereko para os primeiros passos do turismo de base comunitária: a experiência da comunidade caiçara da praia da Cocanha, Caraguatubá/SP. Paraty: OTSS/Fiocruz/FCT, 2022.

REDE NHANDEREKO. Rede Nhandereko de turismo de base comunitária. Paraty, RJ: Rede Nhandereko/FCT, 2019. 35p.

SANTIAGO, A.M. Relato partilha construindo identidade e fortalecendo vínculos. Trindade, Paraty: OTSS/Fiocruz/FCT, 03 e 04 out. 2017.

SANTIAGO, A.M. Relatório final projeto plano de desenvolvimento do turismo de base comunitária: gerando renda com a cultura e proteção ambiental. Paraty: Desafio BIG/FAO/GEF/Inea, 2018.

SANTIAGO, A.M. & MOÇO, E.B. Carta de princípios da Rede Nhandereko de Turismo de Base Comunitária. Paraty: Rede Nhandereko/FCT/APA Cairucu/ICMBio, 2018.

SANTIAGO, A.M. & MOÇO, E.B. Relato partilha casa de artesanato. Quilombo do Campinho, Paraty: OTSS/Fiocruz/FCT, 25 nov. 2016.

SANTIAGO, A.M. & MOÇO, E.B. Relato partilha costurando redes: das práticas aos princípios de TBC. Trindade, Paraty: OTSS/Fiocruz/FCT, 29 set. 2017.

SANTIAGO, A.M. & MOÇO, E.B. Relato partilha qualificando roteiros e empreendimentos locais de TBC. Quilombo do Campinho da Independência, Paraty: OTSS/Fiocruz/FCT, 20 ago. 2016.

SANTIAGO, A.M. & MOÇO, E.B. Relato partilha sustentabilidade econômica de roteiros de TBC. Praia do Sono, Paraty: Rede Nhandereko/FCT/APA Cairucu/ICMBio, 03 e 04 jul. 2018.







A realização do Projeto Apoio às UCs é uma medida compensatória estabelecida pelo Termo de Ajustamento de Conduta de responsabilidade da empresa PRIO, conduzido pelo Ministério Público Federal – MPF/RJ.



OBSERVATÓRIO DE TERRITÓRIOS SUSTENTÁVEIS E SAUDÁVEIS DA BOCAINA



Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

